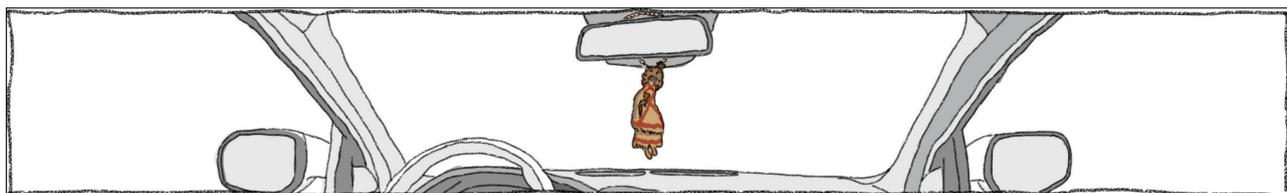


# Um Renato Russo predestinado

**Érica Magi**

Doutoranda em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e bolsista da Fapesp.



## **Ficha técnica**

Título: Somos tão Jovens

Produtora: Canto Claro Produções Artísticas

Coprodução: Imagem Filmes, 20th Century Fox e RioFilme

Distribuição: Imagem Filmes e 20th Century Fox

Direção: Antonio Carlos da Fontoura

Produção: Letícia Fontoura e Antonio Carlos da Fontoura

Produtor Associado: Rodrigo Guimarães

Roteiro: Marcos Bernstein

Foi com surpresa que soube, durante a minha pesquisa de mestrado, que estava em produção um filme sobre Renato Russo (1960-1996), adolescente, em Brasília. Foi ótimo descobrir que eu não era a única pessoa pesquisando e escrevendo acerca dos anos de formação do roqueiro e futuro líder da Legião Urbana: carioca de nascimento, filho de uma professora e de um economista do Banco do

Brasil, leitor voraz, educado na infância em Nova York, professor de inglês da Cultura Inglesa, jornalista com diploma, e cheio de ambições e pretensões em uma carreira nada estabelecida na indústria cultural brasileira – a de *rock star*. Essa “profissão”, Renato Russo e sua geração consolidaram, sendo muito bem-sucedidos em vendas de discos e na recepção da crítica.

A estreia do filme *Somos Tão Jovens* (2013, Brasil) aconteceu quase dois anos depois da defesa da dissertação<sup>1</sup>. O recorte temporal realizado pelo diretor Antonio Carlos da Fontoura foi acertado e interessante: há pouca coisa escrita sobre as experiências culturais dos jovens que formariam três das principais bandas do rock brasileiro: Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial. O filme mostra didaticamente a chegada do estilo e do som punk, a formação da turma de amigos, os seus encontros na «Colina», nome dado ao conjunto de prédios onde residiam os professores da UmB (Universidade de Brasília), a relação com os pais, as festas, os namoros, as bebedeiras e a constituição das primeiras bandas: Aborto Elétrico, Plebe Rude, Capital Inicial e, enfim, Legião Urbana. Revela a jovem capital federal sob o ponto de vista de Renato e de suas relações com a cidade e com os amigos – vindos dos mais diferentes lugares –, que aportavam no Plano Piloto em fins da década de 1970.

A narrativa dá destaque às experiências sociais e culturais de uma classe média com poder aquisitivo, intelectualizada e muito viajada – uma parcela ínfima da população brasileira nas décadas de 1970 e 80 – e, no entanto, muito marcante e expressiva do círculo social brasiliense e das condições simbólicas e materiais a que tiveram acesso os futuros ídolos do rock brasileiro: Renato Russo, Herbert Vianna (1961), Dinho Ouro Preto (1964), Phillippe Seabra (1966), Dado Villa-Lobos (1965), Marcelo Bonfá (1965), Felipe Lemos (1962) e Flávio Lemos (1963).

Revistas especializadas (*Melody Maker* e *New Music Express*, por exemplo), instrumentos musicais, filmes e discos de rock inglês e americano importados integravam o repertório cultural destes jovens. Foi uma experiência particular a dessa geração, calcada no acúmulo de referências da cultura *pop* e do rock. Em comparação com a geração de músicos dos anos 1960, sobretudo os da MPB, havia uma diferença fundamental: o domínio do cânone literário, da “tradição” do samba e da música de vanguarda tornaram-se capitais culturais menos valorizados e requeridos. O repertório calcado em bens culturais do rock e do pop passaram a ser legítimos e discutidos pela grande imprensa de Rio de Janeiro e São Paulo, em textos assinados por jovens jornalistas recém-chegados às redações do *Globo*, do *Jornal do Brasil*, da *Folha de São Paulo* e do *Estado de São Paulo*, que partilhavam as mesmas referências culturais (MAGI, 2013).

No filme, tais referências são a todo tempo colocadas em primeiro plano pela fala de filhos de diplomatas, professores da UnB e altos funcionários do governo federal. Quando Renato Russo (interpretado por Thiago Mendonça) é apresentado a Herbert Vianna (Edu Moraes) e a sua guitarra, pergunta: “Onde você a comprou?”. Herbert responde, tentando soar natural, mas sem sucesso na interpretação: “Ah, o meu pai é o piloto do Presidente [da República], ele trouxe

---

<sup>1</sup> *Rock and Roll é o nosso trabalho: a Legião Urbana do underground ao mainstream*, dissertação em Ciências Sociais defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, em julho de 2011, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Bergamo Idalgo e que contou com o financiamento da FAPESP.

pra mim. Aqui no Brasil não se vende essa guitarra”. Já Felipe Lemos (Bruno Torres), o Fê, com quem Renato formou o Aborto Elétrico, diz em duas cenas que está esperando a chegada de sua bateria comprada na Inglaterra, para começar os ensaios da banda.

O trânsito internacional das famílias proporcionou-lhes condições simbólicas e materiais privilegiadas: informações sobre o que estava acontecendo no rock anglo-americano, compra de instrumentos, discos e revistas importados etc.

André Pretorius (1961-1988), interpretado por Sérgio Dalcin, o baixista alto e de cabelos descoloridos do Aborto Elétrico, filho do embaixador sul-africano, tem o comportamento mais agressivo dentro da turma, no filme. A cena em que Renato e ele se conhecem é especialmente expressiva do desenraizamento social vivido na cidade de Brasília e, ao mesmo tempo, da tentativa de ter uma vida cosmopolita, mesmo morando na jovem capital, distante de São Paulo e Rio de Janeiro, os principais centros urbanos do país. Renato vê André vestido como um punk (calça rasgada, botas, alfinetes), imagem que ele já conhecia da revista inglesa *Melody Maker* e lhe pergunta: Do you like Sex Pistols? [Vc gosta de Sex Pistols?] André responde: Yes, man! [Sim, cara!]. A banda punk e o domínio da língua inglesa foram elementos acionados por esses jovens “desterrados na própria terra”, para usar a frase de Sérgio Buarque de Holanda (1997). Some-se a isso o pertencimento a uma classe intelectualizada de altos funcionários públicos, como sugere *Somos tão jovens*.

O filme é muito bem sucedido nos números musicais, que conseguem emocionar o espectador. Na reconstrução do primeiro show do Aborto Elétrico – realizado em 1980 –, a execução das canções é tocante e a interpretação vocal do ator Thiago Mendonça é ótima e muito parecida com a de Renato Russo. Um momento particular do show é marcante e agressivo, como reza a cartilha punk: quando André Pretorius corta os dedos nas cordas do contrabaixo e, ainda assim, não para de tocar, sujando de sangue o instrumento. A performance misturando música e sangue alude à imagem do baixista dos Sex Pistols, Sid Vicious (1957-1979), todo ensanguentado, após ser agredido na boca por garotas, durante um show em Dallas (EUA). Não satisfeito, o músico espalhou o sangue pelo rosto e tórax, segundo contou o fotógrafo da cena, Bob Gruen<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Bob Gruen em entrevista ao site G1, publicada em 10 de Maio de 2007. Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL34249-7085,00.html>, acesso em 24/07/2013.



Figura 1. Sid Vicious ensanguentado. Foto: Bob Gruen. 1978

Tudo o que havia de mais agressivo, tosco e sujo poderia integrar a apresentação de uma banda de *punk rock*. Essa música criada em Brasília poderia ser invisível aos olhos do restante do país, mas, na atitude, aproximava-se de Sex Pistols, The Clash, Ramones, enfim, ao *punk rock* de seus ídolos.

Apesar de expressar de modo verossímil a origem social dos músicos, revelar de onde saíram ídolos do rock brasileiro, e registrar uma rotina de criação musical em Brasília ligada ao *punk rock* inglês e americano, *Somos tão Jovens* peca em vários pontos. A primeira metade do filme é arrastada, sem ritmo, com interpretações ruins. Apresenta um Renato Manfredini Júnior, estudante do colégio, pré-figurando o Renato Russo, letrista e vocalista da Legião Urbana. A briga que Renato tem com os pais não consegue convencer sobre sua revolta por eles não entenderem o seu sonho: o de ser um *rock star*, não um professor de inglês ou jornalista. Os pais, interpretados por Sandra Corveloni<sup>3</sup> e Marcos Breda, não receberam um tratamento profundo por parte do roteiro, são caricaturas de pais conservadores e desconectados do cotidiano do filho.

Ouvir o personagem emitindo frases como “força sempre”, ou, “esse é o som do futuro”, mostra que o filme constrói Renato como um predestinado ao sucesso, independentemente dos obstáculos sociais que ele pudesse encontrar – e encontrou – durante a trajetória da Legião Urbana. Para os que não foram fãs da Legião Urbana: “força sempre” era o que Renato Russo costumava escrever ao dar autógrafos. De modo que temos um sujeito predestinado a se tornar o “poeta de uma geração” e a fazer o som que o Brasil inteiro ouviria. O que contradiz a proposta do filme de mostrar Renato Manfredini Jr. *antes* de ser Renato Russo, dentro de uma turma de amigos que construiu uma cena de *rock* e um estilo de vida particular em Brasília, no final da ditadura militar.

<sup>3</sup> Sandra Corveloni ganhou o prêmio de melhor atriz no festival de Cannes, pelo filme *Linha de Passe*, em 2008.



Figura 2. Autógrafo de Renato Russo, com a expressão “força sempre!”. Fonte: [www.legiaourbana.com.br](http://www.legiaourbana.com.br), acesso em 10/08/2014.

Como representar no cinema um ídolo da música popular sem construí-lo como um predestinado, silenciando as suas características humanas, suas contradições e seus conflitos mais profundos?

Pierre Bourdieu (1996, p.74), ao refletir sobre a construção social da história de vida, argumenta que as narrativas biográfica e autobiográfica organizam-se em “sequências ordenadas e de acordo com relações inteligíveis”. Assim, a vida é contada como um “todo” coerente e que desde sempre expressou uma “intenção subjetiva e objetiva” do caminho a ser seguido em direção à consecução de seu “projeto”. A narrativa da vida de Renato Russo contada em *Somos tão Jovens* parece seguir essa premissa, partindo de relações inteligíveis e pouco ou nada contraditórias. Constroi-se a história de um sucesso sonhado individualmente e que não enfrentou obstáculos sociais, interrupções, medos e mudanças de planos. O filme pode ter se fiado à narrativa do próprio Renato Russo. Há uma grande quantidade de entrevistas do artista à grande imprensa, mostrando o quanto ele se sentia a vontade falando sobre si mesmo, sobre o desejo genuíno de ser um roqueiro reconhecido, o início da Legião Urbana, as músicas, a turma de Brasília e sempre exibindo seu conhecimento de *rock*, literatura e cinema. Um dado interessante é que Renato pouco falava acerca de sua vida amorosa nas entrevistas, a *persona* “artista” era o mais importante a ser “desvelado” por si mesmo.

É um problema de difícil resolução por parte de roteiristas e diretores de cinema, se é que se coloca como um problema para eles. Eles enfrentam demandas diversas, e que, caso de uma biografia, precisam lidar com as possíveis interferências da família do biografado. Não é por acaso que a irmã de Renato Russo, Carmem Teresa Manfredini (1962), aparece em umas das primeiras cenas de *Somos tão Jovens*, quando Renato cai da bicicleta e se vê rodeado por várias pessoas, entre elas sua irmã.

A segunda metade do filme gira em torno do namoro com uma garota chamada Ana Cláudia, interpretada por Laila Zaid, uma personagem que nunca existiu. É uma responsabilidade espinhosa escrever sobre a homossexualidade de Renato Russo ou de qualquer outro artista com

poucas fontes em mãos. Contudo, não há relatos conhecidos de envolvimento de Renato com mulheres, são conhecidos apenas alguns relacionamentos com homens, o que também aparece no filme, mas de maneira suave e romântica, com abraços e olhares encenados.

É nesse segundo momento do filme que *Somos tão Jovens* melhora um pouco. Frases de efeito não saem mais da boca de Renato, o roteiro fica mais bem amarrado e os personagens estão integrados à narrativa, não surgem e desaparecem do nada. Contudo, não se encontra nenhuma ousadia no roteiro, nada que olhe de perto o personagem, seus conflitos e arroubos de agressividade contra si mesmo. Por exemplo, quando Renato, de propósito, corta os pulsos no banheiro da casa de seus pais (DAPIEVE, 2000, p. 61), ficando impossibilitado de tocar o contrabaixo, o que provocou a entrada de Renato Rocha na Legião Urbana – antes, portanto, de saírem de Brasília para assinar contrato no Rio de Janeiro.

Um dia de 1984 veio a notícia. Renato estava no hospital. Havia cortado os pulsos [...]. O próprio Renato fazia questão de chamar o gesto de ‘acidente’. ‘Eu cortei os pulsos não para me matar nem nada, foi de frescura, de babaquice, eu tava bêbado’, contava. Fora uma besteira para chamar a atenção de algum rapaz. Pois Renato era um carente, capaz de se apaixonar com facilidade. E se frustrar com a mesma facilidade. Sua homossexualidade não era mais segredo para a família havia algum tempo. Aos 18 anos, ele havia saído do armário diante da mãe. (DAPIEVE, 2000, p.61)

Por que silenciar um episódio como esse, em *Somos tão Jovens*? Renato Russo mereceria um filme que não se limitasse aos fatos biográficos chancelados por sua família.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo: o trovador solitário*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará / Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000.
- GRUEN, Bob. *Rockers*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAGI, Érica Ribeiro. *Rock and Roll é o nosso trabalho: a Legião Urbana do Underground ao Mainstream*. São Paulo: Alameda: FAPESP, 2013.
- MARCHETTI, Paulo. *O Diário da Turma 1976-1986: a história do rock de Brasília*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

## Sites Consultados

[www.legiaurbana.com.br](http://www.legiaurbana.com.br) – Site oficial da Legião Urbana

[www.g1.com.br](http://www.g1.com.br)

